

ANGOLA SE FAZ PRESENTE NA ESCOLA: UM BREVE ESTUDO DO ROMANCE *MAYOMBE*, DE PEPETELA

DÉBORA CRISTINA LONGO ANDRADE*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 20 jan. 2020. Aprovado em: 18 abr. 2020.

Como citar este artigo: ANDRADE, D. C. L. Angola se faz presente na escola: um breve estudo do romance *Mayombe*, de Pepetela. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 139-154, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p139-154

Resumo

Este artigo procura trazer algumas considerações acerca da Lei n. 10.639, que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar dos ensinos fundamental e médio, no sentido de reconhecer e valorizar a cultura e identidade de descendentes dos povos africanos, além de procurar combater uma postura discriminatória e racista que particularmente ainda atinge os negros no Brasil. Desse modo, procuramos dirigir o nosso olhar para o romance *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela, a fim de oferecer uma visão mais completa e, ao mesmo tempo, mais profunda dos

* E-mail: debora.cla@terra.com.br
 <https://orcid.org/0000-0001-9810-9693>

temas e motivos literários representados nessa obra, tanto significativa para os contextos curriculares escolares quanto relevante para a formação de professores e alunos.

Palavras-chave

Literatura angolana. *Mayombe*. Pepetela.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente artigo, pretendemos esboçar algumas reflexões acerca da Lei n. 10.639, sancionada em 2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo da educação básica e tem por objetivo corrigir os efeitos devastadores da discriminação e do racismo no Brasil, bem como resgatar o legado da cultura afrodescendente na formação da sociedade brasileira.

Nesse sentido, procuramos apresentar uma produção literária lusófona, incluída, pela primeira vez, em 2017, na lista de leituras obrigatórias de um dos principais concursos vestibulares do país. Trata-se de *Mayombe*, obra do escritor angolano Pepetela, que, apesar de ser um romance, é tomado como um documento histórico-social, visto que o autor se serve da literatura para falar sobre a experiência vivida no movimento de luta pela libertação de Angola sob o domínio português, proporcionando ao leitor a abertura de inferências sobre a situação histórica e cultural de seu país naquele contexto.

Além disso, a narrativa de Pepetela permite que os alunos entrem em contato com a pluralidade de crenças, línguas, tradições, histórias, enfim, com o caldear de culturas que compõem a nação angolana, a ponto de reconhecerem que tal *diversidade* também remonta a uma *unidade*, ou seja, ao espaço dos iguais, daqueles que têm uma “origem em comum” (FIORIN, 2006, p. 45).

No decorrer do trabalho, realizamos ainda um percurso pela biografia de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos – Pepetela – que, de certo modo, ilumina a análise do romance em questão, bem como voltamos o nosso olhar para *Mayombe*, no sentido de oferecer uma visão mais completa e, ao mesmo tempo, mais profunda dos temas e motivos literários retratados nessa obra, tanto representativa para os contextos curriculares escolares quanto relevante para a formação de professores e alunos, uma vez que a presença da literatura

africana em língua portuguesa na sala de aula “pode vir a ser um dos caminhos importantes para o Brasil recuperar seus laços com as culturas africanas e compreender mais profundamente suas próprias raízes” (FARACO, 2003, p. 546).

LEI N. 10.639/2003

Levando-se em conta que o Brasil tem historicamente uma postura discriminatória e racista que atinge a população afrodescendente até os dias atuais, o governo federal sancionou, em março de 2003, a Lei n. 10.639, que altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB)¹ e institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar dos ensinos fundamental e médio. Essa decisão procura resgatar a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.

Tal dispositivo legal aponta para a necessidade da divulgação e valorização do legado cultural africano e afro-brasileiro, pois, além de ampliar o pouco conhecimento que temos acerca dessa cultura, leva-nos a ter um novo olhar sobre a história africana e suas possíveis relações com o percurso histórico brasileiro:

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta ou vaga e remota, do africano (FREYRE, 1978, p. 283).

Faz-se, portanto, urgente reconhecer e valorizar a identidade, história e cultura dos africanos e afro-brasileiros, dessa comunidade que participou da construção da nação brasileira, a fim de que “nos conheçamos para nos reconhecermos uns nos outros e uns diante dos outros” (BRITO, 2015, p. 299). E há várias maneiras de se alcançar esse objetivo. A literatura pode ser um caminho promissor, visto que serve de instrumento para o desenvolvimento do senso crítico, da autonomia, do conhecimento de outros contextos e realidades, necessários para o processo de humanização de professores e alunos, conforme nos aponta Candido (1995, p. 249):

¹ Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 jan. 2020.

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Com efeito, o ensino da literatura lusófona – em particular da produção literária africana – precisa ocupar um espaço importante no cenário dos conteúdos curriculares da educação básica, de modo que procure desenvolver um olhar dialético entre o intrinsecamente linguístico e literário e as dimensões subjetivas e histórico-sociais dos povos africanos. De acordo com Silva (2010, p. 6):

No caso das chamadas sociedades emergentes, como é o caso dos países africanos de expressão portuguesa, a literatura está claramente – mas, não, exclusivamente, como nas sociedades de regime totalitário – a serviço de uma determinada ideologia e, via de regra, como manifestação prática de uma causa revolucionária ou da afirmação de uma identidade.

Dentro dessa perspectiva, encontra-se o trabalho que os professores vêm realizando no seu fazer docente, no que tange às literaturas africana e afro-brasileira, em razão de que esse tema se afigura, além de necessário, como urgente para a valorização da identidade negra e como elemento básico para a formação nacional brasileira. As palavras de Silva (2012, p. 128) vêm corroborar essa afirmação:

Estudar as literaturas africanas de língua portuguesa teve e tem, assim, um significado especial tanto para os pesquisadores/estudantes como para os professores que estão dia a dia diante do grande desafio de educar, promover cidadania e “desbarbarizar” [...] a sociedade, já que tal estudo permitiu a ampliação e aprofundamento da compreensão “daquela” história e de “nossa” própria história, fornecendo subsídios valiosos para uma reflexão acerca dos fatos que marcam a identidade cultural do país e, que, portanto, devem ser implementadas não apenas por haver uma lei, mas, porque, se faz necessário um novo discurso ação que supere a hipocrisia e a ideologia da separação pelo véu. Aquela a que se referiu W.E.B. Du Bois, que separava (ou separa?) dois mundos, o dos negros e os dos não negros.

Ainda, no que concerne ao estudo das literaturas lusófonas no contexto escolar, é oportuno dizer que algumas mudanças positivas e inovadoras vêm ocorrendo, por exemplo, a inclusão, em 2017, de uma produção literária angolana – *Mayombe* – do escritor Pepetela, na lista de obras literárias obrigatórias para o vestibular da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) – instituição autônoma responsável pela realização dos exames vestibulares de uma das principais universidades do estado de São Paulo.

Em decorrência disso, convém mencionar que o nosso interesse, neste trabalho, é atestar a relevância da biografia de Pepetela no âmbito dos estudos de literatura lusófona, como também oferecer uma visão mais completa e, ao mesmo tempo, mais profunda dos temas e motivos literários representados na obra *Mayombe*, tanto significativa para os contextos curriculares escolares quanto relevante para a formação de professores e alunos.

PEPETELA

Pepetela – pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos – nasceu em 29 de outubro de 1941, na região litorânea de Angola, em Benguela. Descendente de portugueses, cursa o primário em sua terra natal e, após terminar o quinto ano, parte para Lubango, onde permanece até 1958. Segue, então, para Lisboa, onde frequenta o Instituto Superior Técnico com o intuito de estudar Engenharia, curso que não conclui e opta, em seguida, por se matricular em História na Faculdade de Letras de Lisboa. Torna-se frequentador da Casa dos Estudantes do Império (CEI), ponto de encontro para a intelectualidade da diáspora,² participando de diversas atividades políticas e literárias.

A fim de escapar da convocação do exército colonial, Pepetela parte de Portugal, em 1962, para o exílio na França, seguindo, posteriormente, para a Argélia, já independente, onde permanece por seis anos, licenciando-se em Sociologia pela Universidade de Argel e, associado a outros autores igualmente militantes, funda o Centro de Estudos Angolanos, “que tinha como principal objetivo auxiliar a luta do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)” (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 16).

2 Disponível em: <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/53-pepetela>. Acesso em: 23 maio 2019.

Militante do MPLA e recrutado para a luta armada, desloca-se, em 1969, para a região de Cabinda, ao norte de Angola, participando precisamente da Guerra Colonial Portuguesa, ou Guerra da Libertação (designação mais utilizada pelos africanos) – período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Nesse ínterim, de acordo com Chaves e Macêdo (2009), o escritor participa de sua primeira ação de combate como jornalista da rádio do MPLA (Angola Combatente) e adota o nome de guerra de Pepetela, que significa “pestana” na língua umbundo, e que mais tarde viria a utilizar como pseudônimo literário. Em 1971, escreve *Mayombe*, em plena frente guerrilheira. No ano seguinte, é transferido para a Frente Leste de combate e assume a função de secretário permanente de Educação. Em 1974, segue para Luanda, onde instala a primeira delegação do MPLA e torna-se diretor do Departamento de Educação e Cultura do Movimento.

Após a tão desejada libertação de seu país, o romancista retorna, em 1975, para sua terra natal e torna-se membro do primeiro governo independente de Angola, ocupando o cargo de vice-ministro da Educação, sob a liderança do presidente Agostinho Neto. Ao fim de seis anos, afasta-se da vida político-partidária para se dedicar particularmente à literatura e às atividades de professor de Sociologia Geral e Sociologia Urbana do curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Agostinho Neto, em Angola (MARCON, 2005). Tem sido ainda dirigente de associações culturais, com destaque para a Chá de Caxinde e União dos Escritores Angolanos (UEA).

Grande parte de sua obra literária foi publicada após a independência de Angola, e o primeiro romance de Pepetela, *As aventuras de Ngunga*, foi escrito enquanto o autor lutava contra os portugueses na Frente Leste. Na verdade, tratava-se de um conjunto de textos didáticos que viraram romance.³ Publicado em 1973, essa obra introduz o leitor aos costumes, à geografia e à psicologia de Angola. *Muana Puó*, de 1978, e *Mayombe*, de 1980, também foram escritos durante a guerra colonial e publicados após a independência de Angola, com o MPLA à frente.

A produção literária de Pepetela tem relação direta com os acontecimentos históricos e as concepções da época em que viveu, tais como a diáspora,

3 Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/pepetela-o-guerrilheiro-escritor/>. Acesso em: 26 maio 2019.

que corresponde à vida distante de sua terra natal. Assim, pensar a literatura desse escritor demanda que se tenham em mente os objetivos que a orientou: o engajamento e a denúncia social, além do compromisso com a identidade e construção de uma nação livre e igualitária. Seus romances são fundamentais para “compreender Angola no processo”⁴, seja antes ou depois da independência. Nas palavras do próprio autor (*apud* CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 33):

Alguns dos meus livros foram escritos anos antes da independência, embora tenham sido publicados depois dela. Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influencia minha literatura, sobretudo em termos dos temas que escolho.

Ainda segundo Marcon (2005, p. 14), “seus livros são reconhecidos nacionalmente e internacionalmente pela crítica, possuem várias edições dentro e fora de Angola e foram traduzidos em vários idiomas”. Suas principais obras são *As aventuras de Ngunga* (1973), *Muana Puó* (1978), *Mayombe* (1980), *Yaka* (1985), *A geração da utopia* (1992), *Jaime Bunda, agente secreto* (2001), *O planalto e a estepe* (2009), *A sul, O sombreiro* (2011), entre outras.

Pepetela atinge o auge de sua carreira literária em 1997, quando conquista o Prêmio Camões, um dos mais renomados e desejados por escritores que professam a língua portuguesa, pela totalidade de sua produção. Antes, porém, já recebera o Prêmio Nacional de Literatura de Angola pela obra *Mayombe*. Esse reconhecimento o consagra como um nome expressivo da literatura contemporânea do idioma português.

Além desses prêmios, o escritor ainda foi contemplado com o Prêmio Nacional de Literatura (1985), pelo livro *Yaka*; Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (1993), pela obra *A geração da utopia*; e Prêmio Prinz Claus (1999), pelo conjunto da sua obra.⁵ A atribuição do Prêmio Camões confirma o seu lugar de destaque no espaço lusófono, sendo um dos principais nomes da literatura de Angola no período posterior ao da independência, bem como da língua portuguesa no mundo, visto que sua produção literária “redime a literatura angolana da condição de literatura periférica e colonial para alçá-la à de expressão artística de valor universal” (SILVA, 2010, p. 14).

Isso posto, passemos, a seguir, a uma breve análise da obra *Mayombe*.

4 Entrevista concedida por Pepetela a Frank Nilton Marcon (2005, p. 26).

5 Disponível em: <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/53-pepetela>. Acesso em: 27 maio 2019.

MAYOMBE

Publicado em 1980, em Angola, e, no Brasil, em 1982, *Mayombe* é uma obra ficcional, que trata exatamente das tensões e angústias vivenciadas pelos combatentes do MPLA, os quais lutam no interior dessa densa floresta tropical, confrontando-se com as tropas portuguesas, durante a guerra colonial, ocorrida entre 1961 e 1974.

De acordo com Pepetela, *Mayombe* era para ser “relatos”⁶ de guerra, já que, na época, ele colaborava com o serviço de informação de um programa de rádio do MPLA, chamado *Angola combatente*. Posteriormente, os relatórios se transformaram em um romance.

O *Mayombe* começou com um comunicado de guerra que fiz para a rádio. Achei-o tão interessante que o continuei, já com personagens. Tirei a primeira página, que enviei para a informação, e depois continuei. Na fronteira tinha mais disponibilidade, podia escrever de dia. Dizia aos meus companheiros: estou a escrever para perceber o que estou a fazer, estou em busca da realidade (PEPETELA, 2011).⁷

Na verdade, a escrita era um exercício para Pepetela pensar acerca das situações vivenciadas durante a guerrilha. As palavras do autor vêm ratificar o contexto de produção dessa obra:

Aí fizemos a operação com a qual começa o *Mayombe*, esta operação no rio... Então, quando terminamos a operação eu escrevi o comunicado de guerra e disse epa, passou-se tantas emoções, tantos pensamentos, tantas coisas bonitas e más e isto fica numa fria página de relatório, isto é muito triste... Eu tirei a primeira página, enviei para a informação e comecei a escrever a operação como eu a vi. E aí nasceu *Mayombe*. Todas as noites eu ia escrevendo, escrevendo... É uma crônica romanceada, em que um momento dado as pessoas ganharam consistência, a história começa a encorpar-se e o resto não aconteceu mesmo, já é ficção pura. Ficção pura com muitos dados daquilo que eu ia apreendendo. Aquela discussão toda, do tribalismo, era coisas que se passavam, que no livro talvez estejam um pouco exageradas, mas eu escrevia para apreender. Eu não estava escrevendo algo para ser publicado, era para mim. Eu

6 Entrevista concedida por Pepetela a Frank Nilton Marcon (2005, p. 22).

7 Entrevista concedida por Pepetela a Rita Silva Freire. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara-nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>. Acesso em: 28 maio 2019.

escrevia para apreender. Para saber atuar perante as questões que enfrentaria no dia-a-dia. Foi um bocado isto. Houve um boato de corrupção dentro do MPLA e eu queria era entender como as coisas aconteciam de um lado e de outro, como as pessoas se moviam, etc, como é que apareciam as pessoas. Mas, não tinha a intenção... É engraçado, mas não nasceu como romance. Acaba sendo um grande romance, talvez por isto. Por não ter a pretensão (PEPETELA, 2003).⁸

Como vimos, alguns relatos, mesmo ficcionais, são fiéis, principalmente, acerca de *Mayombe*, floresta tropical, a qual Pepetela conhecia muito por sua estada na região como membro dos quadros administrativos do MPLA, nos anos 1970. Trata-se, portanto, de uma descrição verossímil da guerra e da floresta de Cabinda. No romance, a ideia de simbiose entre os homens e a floresta é explícita, pois *Mayombe* acolhe os guerrilheiros como uma mãe carinhosa:

O *Mayombe* tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata, tentando localizar nele a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviram para as paredes. O capim do teto foi transportado de longe, de perto do Lombe. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais. A folhagem da abóbada não deixava penetrar o Sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde. Assim foi parida pelo *Mayombe* a base guerrilheira (PEPETELA, 2013, p. 67).

Essa obra ainda “retrata a luta por meio de personagens que vivem a problemática dos valores e contradições do momento político em questão” (SERRANO, 1999, p. 133). As dicotomias branco/negro, português/africano, colonizador/colonizado, invasor/invadido e tradição/modernidade são tratadas no sentido de instaurar uma atmosfera reflexiva sobre o fenômeno da luta no momento em que ela está a decorrer, por meio da multiplicidade de vozes e posicionamentos das personagens, que tocam em temas delicados e, naquele contexto, não resolvidos, como as concepções sobre *identidade*, *tribalismo*,

⁸ Entrevista concedida por Pepetela a Frank Nilton Marcon (2005, p. 257).

ideologia política, corrupção, colonialismo, religiosidade, o lugar social da mulher, entre outros assuntos que os cercam.

Singulares, com uma carga de significado e psiquismo consideráveis, os membros do grupo são marcados pela *diversidade* de formações, etnias e experiências, no entanto procuram estabelecer a *unidade* por uma causa coletiva, já que estão a serviço de um mesmo objetivo: a luta e a libertação de Angola da colonização portuguesa. Nas palavras de Serrano (1999, p. 135), eles procuram “transpor esses obstáculos a fim de se obter uma união que leve à luta maior de libertação do todo, momento em que um sentimento nacionalista os motiva ao combate frente a um inimigo comum”.

Os meus guerrilheiros não são um grupo de homens manejados para destruir o inimigo, mas um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, se comportam como tal (PEPETELA, 2013, p. 228).

Protagonistas, antagonistas e mesmo coadjuvantes, o mosaico de personagens constitui-se por alguns membros como *Verdade; Ingratidão do Tuga; Pangu-A-Kitina; Vewê e Ekuikui. Ondina*, segundo Antunes (*apud* CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 63), “é a figura feminina da obra, recusada por muitas leitoras, incompreendida por outras, mas que o autor cria porque é assim que a mulher deve ser – livre, desinibida, depois de ter pegado em armas para lutar”.

O *Comandante Sem Medo* é a personagem de maior força na narrativa, do princípio ao fim. Sua presença é magnética, e, por meio de sua voz, parecem estar projetadas as grandes preocupações de Pepetela, as quais giram em torno de valores e contradições da guerra e do fomento de suas interrogações sobre o futuro de Angola. Entre os traços principais dessa personagem estão “a irreverência, o despojamento heroico, e a certeza da luta de independência, associada à noção dos perigos gigantescos a serem enfrentados depois, para que fosse possível a construção de uma nação angolana efetivamente livre” (RUIVO, 2005 *apud* CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 243).

A narrativa é em terceira pessoa, no entanto *Teoria* (professor da base guerrilheira), *Milagre* (tribalista, o homem da bazuca), *Mundo Novo* (intelectual dogmático, marxista-leninista), *Muatiânvua* (destribalizado, aquele que defende um nacionalismo internacionalista, acima das divisões étnicas), *André* (relapso, desvirtuado dentro do Movimento), *Chefe do Depósito* (responsável

pelo material de guerra), *Chefe de Operações* (camponês que procura compreender a participação dos intelectuais na luta) e *Lutamos* (antitribalista, destemido e corajoso como o Comandante Sem Medo) são narradores temporários da história e apresentam-se por meio de um bloco textual demarcado claramente do restante pelo itálico, cujo título é sempre “*EU, O NARRADOR, SOU...*”, acrescido com o nome da personagem ou alguma função que exerça na Base. Vejamos:

EU, O NARRADOR, SOU MUATIÂNVA

[...]

De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo eu o swahili, não aprendi eu o haussa com um nigeriano? Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa?

Eu sou o que é posto de lado, porque não seguiu o sangue da mãe quimbundo ou o sangue do pai umbundo. Também Sem Medo, também Teoria, também o Comissário, e tantos outros mais (PEPETELA, 2013, p. 121, grifos do autor).

Utilizando-se dessa estratégia, a saber, de diversos narradores, Pepetela dá, portanto, ao romance um caráter extremamente dialógico, com a presença de distintas vozes que falam de suas peculiaridades, isto é, de suas origens, angústias, expectativas e motivações sobre a guerra, na qual estão empenhando a sua vida. Os depoimentos desses narradores procuram tecer um painel multifacetado da guerra colonial, pois, ao assumirem o discurso em primeira pessoa, dividem a tarefa de nos fazer conhecer as fases e as faces da luta, “tendo acesso ao mundo de problemas que a perspectiva da independência levanta” (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 133).

Mayombe é dividido em cinco capítulos. São eles: “A Missão”; “A Base”; “Ondina”; “A surucucu”, “A amoreira”, mais o “Epílogo”. O romance inicia-se com uma sugestiva e metafórica dedicatória, que invoca Ogum, o deus da guerra, conclamando os guerrilheiros à luta. O primeiro capítulo retrata a floresta que abriga os guerrilheiros do MPLA e a missão que eles teriam naquele contexto histórico de luta pela libertação de Angola. Segundo Silva e Mattos (2015), “A Missão” estaria relacionada à necessidade de conscientização acerca do inimigo (colonizador português) e à necessária superação das diferenças

entre os grupos étnicos, a fim de que os atos revolucionários alcançassem resultados positivos.

Em “A Base”, temos retratadas as dificuldades no acampamento, por exemplo, a fome e a falta de recursos e de pessoal. A narrativa também encaminha o leitor para a perspectiva de que a base da luta e do projeto da futura nação seria estabelecida por uma profunda ligação entre o homem, o espaço e o viés político, estritamente relacionada às teorias marxistas.

O terceiro capítulo aborda principalmente a questão da traição, que é do plano tribal. Ondina, noiva do Comissário (kimbundo) o trai com André (kikongo), revelando a liberdade sexual que se manifesta nela. Além disso, presenciam-se embates e rupturas entre os combatentes, fundamentais para que as personagens cresçam, pois é por meio desses entraves que elas se superam.

No quarto capítulo, corre a notícia de um ataque à base pelos *tugas* (modo depreciativo de se tratar os portugueses), no entanto, trata-se da invasão de uma cobra no acampamento e não de uma ação de guerra. Disso, decorre um despertar para a luta, visto que a mobilização dos guerrilheiros para o suposto embate foi o mais extraordinário sinal de solidariedade coletiva e de espírito combativo entre os guerrilheiros.

O capítulo seguinte retrata a estratégia de ataque às tropas portuguesas, na qual *Sem Medo* e *Lutamos* são abatidos. A morte das personagens representa uma quebra no preconceito tribal: “Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um quimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um quimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas” (PEPETELA, 2013, p. 244). Os dois combatentes *Lutamos* e *Sem Medo* são enterrados junto a uma amoreira gigante, cujo tronco se destaca do sincretismo da mata. Estava latente na imagem do tronco a ideia de um Estado-nação, que contempla em suas folhagens, misturada à folhagem geral da mata, a diversidade dos povos angolanos.

Ao final da obra, o narrador titular se apresenta e ficamos a saber que se trata do *Comissário Político*, cujo nome é João (militante jovem, sério, extremamente objetivo em sua interpretação do mundo), o qual assume o discurso em primeira pessoa: “O NARRADOR SOU EU, O COMISSÁRIO POLÍTICO” (PEPETELA, 2013, p. 247). Por meio de seu relato, o Comissário deixa claro o significado da morte de Sem Medo, que constituiu para ele uma espécie de metamorfose, troca de pele, em que passa de *miúdo* a homem, seguindo, assim, seu rumo na luta, tendo como exemplo o seu tutor, o *Comandante Sem*

Medo. Essa personagem fecha o ciclo como qualquer herói de tragédia, enterado na própria terra, no Mayombe, que recebe aqueles que foram abatidos na luta revolucionária. No amadurecimento de João, Pepetela projeta o crescimento adequado à sociedade, o qual a guerrilha deveria gerar.

Ainda, no “Epílogo”, o desafio imposto aos homens pela floresta os coloca em proximidade com Ogum, deus africano, que protege todos aqueles que demonstram a coragem no combate. Ogum é comparado a Prometeu, titã que contraria a vontade dos Deuses Olímpicos e entrega o fogo e a inteligência aos homens, como símbolo de uma nova era, de razão e liberdade. O *Comissário* compara o destino de *Sem Medo* ao de Ogum, o Prometeu africano, pois, pelo desprendimento e desinteresse de suas ações, luta bravamente para trazer a liberdade aos homens, indiferente às consequências.

Não tenho propriamente medo da morte, assim, a frio. Tenho medo é de me amedrontar quando vir que vou morrer, e perder o respeito por mim próprio. Deve ser horrível morrer com a sensação que os últimos instantes de vida destruíram toda a ideia que se tem de si próprio, toda a ideia que se levou uma vida inteira a forjar de si próprio (PEPETELA, 2013, p. 45).

É oportuno comentar que, no romance em estudo, Pepetela (2013, p. 69) concebe a língua portuguesa como língua nacional angolana: “Deixa lá o teu umbundo – cortou Sem Medo. – Ou lhe dás um nome na língua dele, ou em português, que é de todos”. Contudo, veicula a variedade angolana do português em todo o espaço lusófono, sem qualquer adaptação. Verifica-se, em *Mayombe*, a presença de gírias, expressões e termos utilizados naquele contexto. Vejamos:

Os guerrilheiros dispersaram para avançar. A serra mecânica – abelha furando um morro de salalé – continuava a sua tarefa. Havia o mecânico, que acionava a serra, e o ajudante, com a lata de gasolina e de óleo; mais atrás, quatro operários com machados. Todos tão embebidos na tarefa que não repararam nas sombras furtivas. Nem protestaram, quando viram os canos das pépéchás virados para eles. Os olhos abriram-se, o imenso branco dos olhos comendo a cara toda, a boca aberta num grito que não ousou sair e ficou vibrando interiormente (PEPETELA, 2013, p. 28).⁹

⁹ Salalé corresponde a um “tipo de formiga cujos formigueiros se elevam como montículos de barro; cupim, aleluia, sililua, sirirua”, e pépéchá significa “pistola-metralhadora de origem soviética” (PEPETELA, 2013, p. 251).

Pelo exposto, consideramos essa obra altamente pedagógica, pela forma com que nela se explicitam as relações existentes entre os combatentes, seja pela *diversidade*, de ordem linguística, etnossocial, do saber (intelectual) ou até mesmo da religião, seja pela *unidade*, modo com que se reforça a qualidade do momento de mobilização nacional, em que todos lutam pelo mesmo objetivo.

Enfim, um romance que proporciona às novas gerações entender a atuação militante, para melhor compreensão dos fenômenos que se passaram durante esse processo de luta pela libertação nacional de Angola, como também o mundo lusófono, pautado “no espaço enunciativo da diversidade, das diferentes feições que o português foi assumindo nos diferentes países em que é falado”, contudo tal diversidade remonta a uma unidade, ou seja, ao espaço dos iguais, daqueles que têm “uma origem em comum” (FIORIN, 2006, p. 45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, atentamo-nos para a Lei n. 10.639/2003 que determina a inclusão do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar da educação básica, em razão de que esse tema se afigura importante e necessário para a valorização da identidade negra como elemento básico na construção da sociedade brasileira. E a presença de *Mayombe* na lista de leituras obrigatórias da Fuvest significa o reconhecimento da importância dessa obra na formação de professores e alunos.

Como vimos, Pepetela é um dos romancistas mais conceituados da literatura angolana. Em *Mayombe*, o escritor, respaldado pela memória, consegue relacionar literatura e a história do país, representando ficcionalmente o contexto imediato que o país vivia, a guerra de libertação colonial – da qual participa diretamente como combatente do MPLA – e utilizando-se de personagens na narrativa que, muitas das vezes, confundem-se com pessoas reais, isto é, com os militantes que lutaram por uma Angola independente e que morreram por seus ideais revolucionários.

Apesar de ser um romance, consideramos essa produção literária de Pepetela também um documento histórico-social, uma vez que coloca o leitor em contato com a guerra vista *de dentro*, fornecendo caminhos para a melhor compreensão do contexto sob a qual foi escrita.

Esperamos, por fim, que professores e alunos se sintam convidados à leitura dessa obra, a qual se encontra entre as mais significativas no conjunto das literaturas africanas dos países de língua portuguesa.

Angola is present at school: a brief study of novel *Mayombe*, by Pepetela

Abstract

This article seeks to deliver some considerations about Law 10.639, which establishes the obligation of teaching African and Afro-Brazilian History and Culture in elementary and high school to recognize and value the culture and identity of descendants of African peoples. It also aims to combat discriminatory and racist stance that still widely affects blacks in Brazil. So we seek to direct our gaze to the novel *Mayombe*, by Pepetela, an Angolan writer, in order to offer a more complete and, at the same time, more in-depth insight into the literary themes and motifs represented in this work, both meaningful for school curriculum contexts as well as relevant for teacher and student training.

Keywords

Angolan literature. *Mayombe*. Pepetela.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 2 ago. 2019.

BRITO, R. H. P. “À mistura estão as pessoas”: lusofonia, política linguística e internacionalização. In: MARTINS, M. L. (coord.). *Lusofonia e interculturalidade: promessa e travessia*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade; Ribeirão: Edições Húmus, 2015. p. 295-312.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CHAVES, R.; MACÊDO, T. (org.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

- FARACO, C. A. *Português: língua e cultura: ensino médio*. Curitiba: Base Editora, 2003.
- FIORIN, J. L. A lusofonia como espaço linguístico. In: BASTOS, N. (org.). *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Editora PUCSP, 2006. p. 25-48.
- FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- MARCON, F. N. *Leituras transatlânticas: diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- PEPETELA. *Mayombe*. Rio de Janeiro: Leya, 2013.
- SERRANO, C. O romance como documento social: o caso de *Mayombe*. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 3, p. 132-139, dez. 1999.
- SILVA, C. R. Literatura e história africanas: implicações para a formação de professores, no contexto da Lei 10.639/03. *Revista das Faculdades Integradas Claretianas*, n. 5, p. 120-130, jan./dez. 2012.
- SILVA, M. Angola e sua literatura: uma introdução à prosa de ficção angolana lusófona. *Revista Intertexto*, Uberaba, v. 3, n. 2, p. 5-24, jul./dez. 2010.
- SILVA, R. V. da R. e; MATTOS, T. R. de. *Mayombe: presença da guerra, perspectiva histórica e memória na construção do romance*. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, Brasília, v. 24, n. 40, p. 289-302, 2015.